

Eh real!

PANFLETO SEMANAL DE CRITICA E DOUTRINAÇÃO POLITICA

Propriedade da Empresa do **Eh real!**

Director e Editor: **João Camoegas**

Secretario: **Sergio Silvro**

Administrador: **Joaquim M. Duarte Ferrolra**

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. ESTEFANIA, 49, 3.º

COMPOSTO E IMPRESSO

RUA DE S. BENTO, 24

Apresentação

Nas horas da crise social, quando a incerteza aperta o coração dos patriotas em confrangimentos de angustia, quando as forças instinctivas se compoem em impetos de revolta, quando a injustiça se torna mais cega e a desvergonha mais descarada, intensifica-se a afinidade dos valores sociais, engendram-se novos instrumentos de atividade, criam-se maneiras novas de energia, em ordem, a abrir caminho a uma reacção eficas, visando o restabelecimento do equilibrio. E' a reciprocidade da acção e da reacção, manifestando-se no campo social, como no fisico; é a lógica inexoravel dos fenómenos naturais.

A crise actual da nossa sociedade tinham, pois, de fatalmente corresponder novos e inesperados arranjos das forças sociais, agentes da inevitavel reacção, factores determinantes de sistemas opostos aos fluxos dissolventes. Esta pequena brochura de combate desassombrado e violento é um dos resultados deste processo reconstrutivo e creador, elaborado, espontaneamente, nos flancos sempre fecundos e misteriosos do organismo social.

Aqui nos agrupamos uma dusia de portugueses de lei, que não fomos buscar á obra do sr. Charles Maurras a inspiração do nosso nacionalismo, que não macaqueamos em atitudes pedantes e grotescas intellectuais exóticos, que estamos dispostos a tudo sacrificar, a vida inclusivé, á construcção dum Portugal melhor e á segurança da Republica, sua inevitavel fiadora. Aqui estamos, numa postura que, por consequencia, tem de ser revolucionaria, de guerra sem quartel e sem descanso a quanto represente prejuiso social. Seremos, por

isso, contra o exercito, porque o queremos pouco politico e muito militar; contra os partidos das direitas porque os queremos menos subservientes e mais civilistas; contra os indiferentes porque os queremos muito activos e pouco comodistas; contra as sabenças de cartás porque as queremos mais efectivas e menos balófas; contra o monarchismo, contra a cobardia, contra os tartufos porque em si contém todo o mal, cujo desenvolvimento se objectiva na miseravel situação a que chegamos.

Vimos em som de guerra, bem providos de coragem e de desasombro, decididamente apostados a defrontar a besta, a velhissima besta, que por ai tem tripudiado á solta, vai em mais de tres seculos e que importa dominar, fazendo-a afocinhar na sua vasa originaria até ficar reduzida á condição de inofensivo e repelente espantalho. Vimos ocupar o nosso posto, onde nos encontrarão prevenidos para todas as ciladas e armados para todos os embates e donde nesta hora de inicio enderecamos ao Povo Português, a unica força verdadeiramente nacional da nossa sociedade, um apelo caloroso, que tem de ser guerreiro, porque a ocasião se não presta a sentimentalismos affectivos por mais justos e merecidos.

Vamos a isto!

Nun Alvares!

Na historia dum povo apparecem de longe em longe personalidades extraordinarias, onde as virtudes mais altas e as qualidades mais nobres culminam em assomos de prodigio. Essas personalidades gigantescas, sínteses imorredoiras das energias duma raça, são sempre factores marcantes, decisivos, na evolução duma patria. Por isso a morte as não apaga nem anula e o tempo tão sómente concorre para atultar as linhas de seus perfis dominadores. Sucdem-se as gerações e quanto mais distantes tanto mais intensa vai sendo a sua admiração por esses altissimos valores da raça, terminando esta admiração por assumir os moldes superiores dum verdadeiro culto. E' este culto das autenticas glorias do passado a expressão superior da continuidade histórica dum povo. O seu enfraquecimento, por consequencia, é um sintoma de desagregação social, significa a existencia dum gravissimo estado morbido do character.

Quem observar attento a sociedade portuguesa de nossos dias ha-de sentir-se tristemente impressionado perante a obliteração do culto a que fizemos referencia. Existe é facto uma falange que se intitula paladina da tradição, mas que dela faz unicamente um argumento politico, procurando arrancar-lhe a justificação dum quietismo social que seria a morte. Ha tambem uma imprensa, onde topamos a cada instante o nome dos grandes homens do passado, mas convertido em